

ONTEM
CEUTA
HOJE



EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
600 ANOS DE ENCONTRO DE CULTURAS
ENTRE ATLÂNTICO E MEDITERRÂNEO

**JÁ INAUGUROU NO
WORLD OF DISCOVERIES!**

"Ceuta ontem. Ceuta hoje." é uma exposição de gentes, ritos, sons, texturas, odores e sabores que marca um contraponto fundamental entre Ceuta há 600 anos, tal qual os portugueses a encontraram, e Ceuta hoje, história e vivências.

A NÃO PERDER

Mãe de Ceuta, tal qual a encontraram os portugueses em 1415

"Crónica da Tomada de Ceuta" um documento com 500 anos!

Holografia 3D, da Nossa Senhora de África

Conteúdos interativos multimédia

Pinturas murais pelo artista local HAZUL LUZAH

Gastronomia inspirada nos famosos Souks marroquinos

INFO/CONTACTOS

Rua de Miragaia, 106 | 4050-387 Porto
Tel. +351 220 439 770 | info@worldofdiscoveries.com
www.worldofdiscoveries.com | www.facebook.com/WoDPorto



DEBATER, A HISTÓRIA

Ano II | Nº8 | Periodicidade Bimestral | maio - junho 2015

€ 4,45

**Rota das Casas Brasonadas
de Guimarães: uma nova
forma de olhar o Património**

**Nobreza Senhorial
do Tâmega e Douro**

**Ceuta ontem.
Ceuta hoje.**

600 anos de
encontro de culturas
entre o Atlântico e o
Mediterrâneo



O que matou a Imperatriz Leopoldina?



FAÇA PARTE
DA HISTÓRIA



EDITORIAL



Paulo de Sousa e Costa
Diretor-geral



Leopoldina de Habsburgo foi rainha de Portugal, mulher de D. Pedro IV de Portugal e Imperador do Brasil. De todas as rainhas da monarquia, Leopoldina é aquela que os portugueses pior conhecem. Ao contrário, os brasileiros nutrem por ela um carinho muito especial. A sua morte está envolvida no mistério que a história guardou. E foi precisamente descobri-lo que trazemos neste número um artigo "O que matou a imperatriz Leopoldina".

Ainda por terras brasileiras conhecemos a visita de um ilustre europeu e príncipe herdeiro, Humberto de Saboia à Baía, em 1924, quando o propósito da viagem era S. Paulo, região onde habitava a comunidade emigrante italiana. Esta ilustre personagem viveu 30 anos exilado em Cascais, depois da instauração da República de Itália em 1945.

Por Portugal dois artigos relacionados com a aristocracia. O primeiro sobre um roteiro das casas brasonadas de Guimarães e o segundo sobre as famílias nobres e o seu contributo para a difusão da arquitetura românica na Rota do Românico.

1415-2015 – 600 anos da Conquista da cidade de Ceuta. A propósito desta data, o parque temático World of Discoveries no Porto tem patente uma exposição sobre o acontecimento que marca o arranque da nossa gesta pelo mundo.

Porquê Ceuta? Esta pergunta assolou a historiografia portuguesa e internacional nos últimos cem anos. A resposta ainda não é consensual. Não sabemos, e talvez nunca o saberemos, porque decidiu o rei D. João I e o seu conselho conquistar aquela longínqua praça norte africana. A empresa foi coroada de sucesso devido à surpresa do assalto. A possível motivação está no ambiente em que o próprio rei foi educado na Ordem Militar de Avis. Também o contexto mental cruzadístico reforça aquele ato militar. Castela avançou pela mesma altura com novo ataque ao reduto muçulmano de Granada na Península. Portugal não tinha espaço para se expandir, exceto dirigir-se ao norte de África e aí combater os infiéis e "lavar os pecados das lutas entre irmãos de fé".

Boa leitura.

Venha conhecer um dos territórios mais antigos de Portugal. Deixe-se desafiar pela memória do Românico e fique a conhecer as origens da nacionalidade. Inspire-se na natureza, na gastronomia, nas tradições das nossas gentes e faça parte da nossa história.

www.rotadoromanico.com



ROTA DO
ROMÂNICO

Nobreza Senhorial do Tâmega e Douro

Lúcia Maria Cardoso Rosas

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Maria Leonor Botelho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Nuno Resende

Faculdade de Letras da Universidade do Porto



Mosteiro de Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses. Túmulo de D. Monio Viegas, o "Gasco"

O *Livro Velho de Linhagens* adverte no prólogo sobre a necessidade de se conhecer a ascendência dos homens fidalgos de forma a evitar maus casamentos e desvios ao estatuto, mas também a assegurar o conhecimento e de certa forma o respeito sobre os vínculos da nobreza a *coutos, honras, mosteiros e igrejas*.

Não podemos esquecer a atração que na Idade Média se fazia sentir, por parte da nobreza senhorial, relativamente à fundação e dotação de mosteiros, tornando-os igrejas próprias e panteões linhagísticos. É aliás bem conhecida a relação entre as famílias nobres e as ordens religiosas. Para José Mattoso, uma qualquer ordem era tanto melhor sucedida quando os seus interesses coincidiam com

os da classe dominante ou, mesmo, do clero. Além disso, a ligação de uma família a uma comunidade religiosa constituía um importante sustentáculo do seu prestígio, sobretudo aos olhos da população local de condição inferior.

Embora a heterogeneidade geográfica e paisagística do território em abordagem [com especial ênfase nos municípios do Baixo Tâmega e do Douro Sul que aderiram à Rota do Românico em 2010, ou seja, Amarante, Baião, Celorico de Basto, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende] não nos permita uma leitura histórica de conjunto, é contudo possível fazer uma breve caracterização dos movimentos linhagísticos neste espaço par-

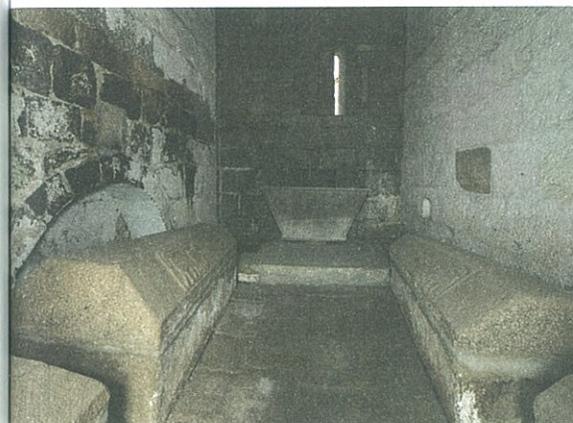
ticulamente apetecível para um conjunto restrito das elites *terra-tenentes* do Portugal em construção. De facto, um conjunto notável destas movimenta-se ao longo dos vales do Tâmega e do Douro.

Se, por um lado, o Douro foi sempre uma notável linha divisória que separava realidades sociais e demográficas em alguns troços e margens particularmente distintas, por outro neste território delimitado grosso modo pelos contrafortes do Marão e do Montemuro, e ao longo do vale do Tâmega confrontaram-se e uniram-se famílias em busca de controlo administrativo, tributário e fundiário. Instrumentos desta estratégia foram os mosteiros, fundados e dotados por certos indivíduos pertencentes a clãs da pequena, média ou alta nobreza local ou regional.

O mesmo *Livro de Linhagens* encontra-se repleto de alusões a cavaleiros e outros leigos que fizeram mosteiros ou neles se mandaram enterrar ou neles fizeram ingressar os seus filhos e filhas: os Gascos e os de Ribadouro em Vila Boa do Bispo, Tuías, Alpendorada

(todos no Marco de Canaveses) e Cárquere (Resende); os Portocarreiros e FONSECAS em Mancelos (Amarante) e Ermida do Douro (Cinfães). E mais a norte, os Guedões e a partir deles Aguiares e Alcoforados, ou Moreiras ligavam-se a igrejas e ao próprio Castelo de Arnoia (Celorico de Basto). Linhagens menores ou menos expressivas no contexto regional não deixaram de participar na fundação de igrejas próprias ou familiares e mosteiros, como nos casos paradigmáticos de Tarouquela (Cinfães) e Fandinhães (Marco de Canaveses). Mas dentro deste complexo sistema de famílias que nos séculos XII-XIV concorriam entre si para obter o prestígio regional e junto da corte de um país em construção, é por vezes difícil compreender o avanço ou recuo das estratégias linhagísticas.

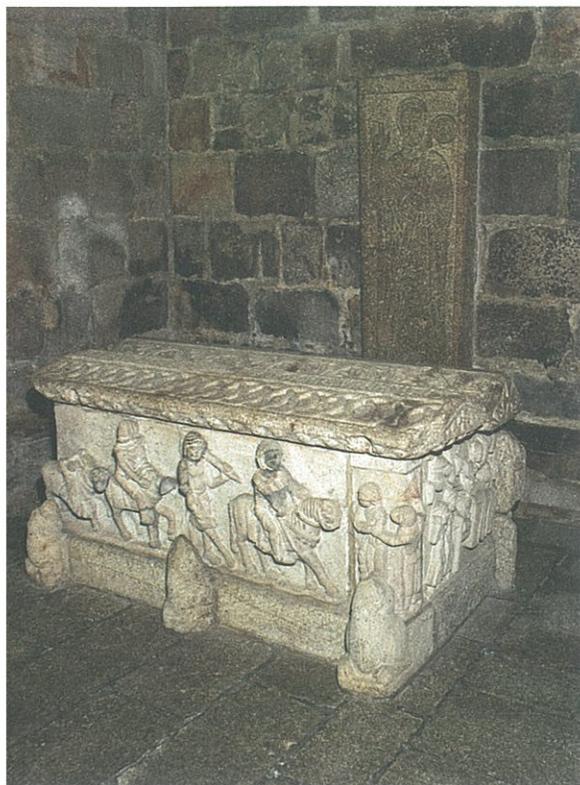
De uma forma esquemática e segundo o traço de A. Almeida Fernandes e José Augusto Sotomayor-Pizarro, este território congregava desde o século X os interesses de três estirpes fundamentais: os Sousedes juntamente com Guedões, entre o Ave e o Tua, controlando o



Mosteiro de Cárquere, Resende. Panteão dos Resendes



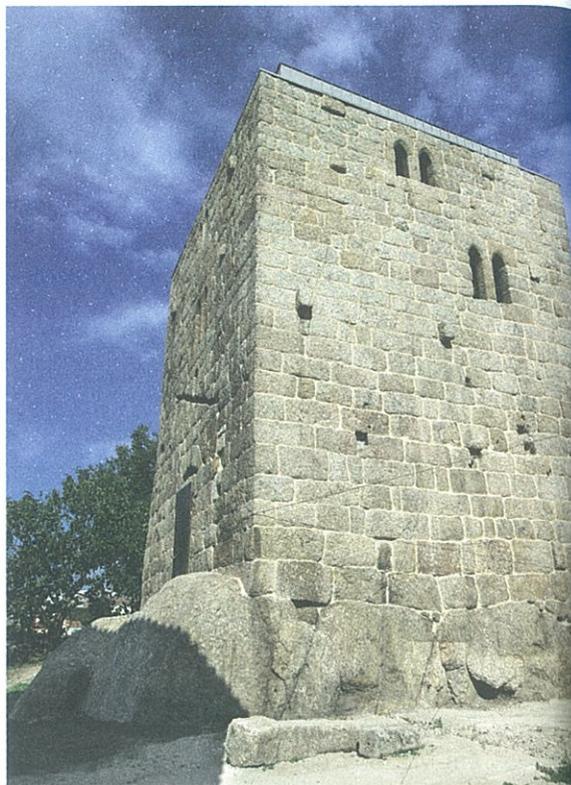
Mosteiro de Mancelos, Amarante. Interior



Mosteiro de Paço de Sousa, Penafiel. Túmulo de Egas Moniz de Ribadouro, o "Aio"

curso do Tâmega a norte; os Gascos no curso terminal do Sousa, ao longo do Douro sul até ao Távora e os Baiões, num pequeno enclave apertado entre o Tâmega e o Douro. Destas áreas de influência fracionaram-se as famílias que nos séculos XII a XIV deterão ainda vários direitos nas igrejas e mosteiros da região, alguns da sua fundação ou dentro da sua esfera de domínio e dotação.

Arrogando-se a direitos de pousada ou comedoria, recolhendo os tributos e colocando à frente dos cenóbios elementos do seu clã ou indivíduos da sua confiança, a Igreja foi



Torre dos Alcoforados, Paredes

confrontada com casos de abusos por parte da nobreza - abusos que se multiplicavam pelo número de descendentes do casal fundador ou do instituidor, como nos exemplos já citados de Mancelos ou no caso de Tarouquela, cujas abadessas lutaram para terminar com certos excessos de pretensos familiares ou defender uma das partes, mormente os direitos da sua linhagem. Efetivamente, os mosteiros eram amiúde o reflexo da luta pelo poder que se fazia no território, entre casamentos e extinções de linhas sucessórias que podiam ou reforçar estatutos ou levá-los à



Castelo de Arnoia, Celorico de Basto

ruína. Os exemplos para um e outro caso são inúmeros, mas a situação dos Resendes, cujo panteão se situava em Cárquere, parece paradigmático. A sua ascensão e queda reproduzem o percurso de muitas famílias da Idade Média, enredadas em contendas, integrando por vezes o partido errado nas lutas de corte ou a par com uma extinção das suas linhas agnáticas que arredava o apelido e a representação masculina - tão importantes símbolos na sociedade de então. Esta nobreza, belicosa, fazia das casas-torre, como a dos Alcoforados (Paredes) o seu bastião, arreme-

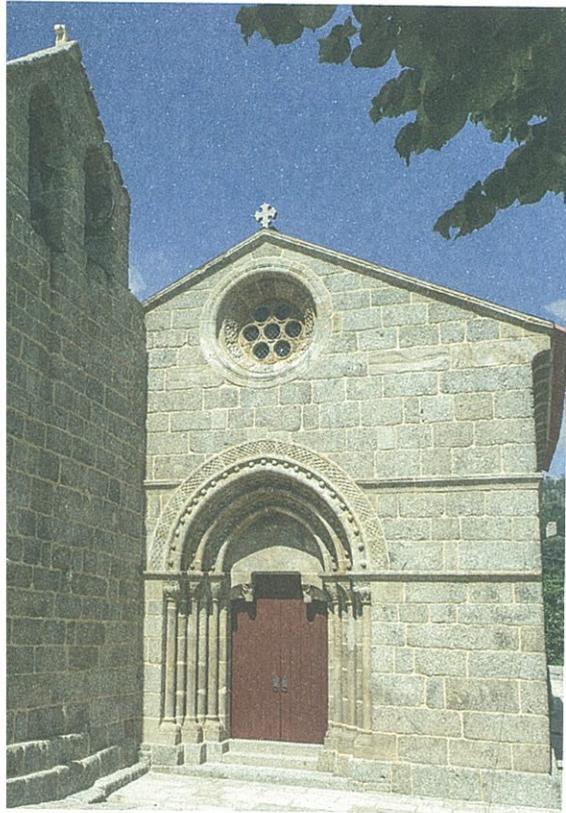
dando entre si e mesmo afrontando o poder régio, então em ascensão e consolidação.

A caminho da época moderna, as três principais estirpes fracionaram-se em linhagens e a multiplicidade de apelidos, grande parte deles gizado a partir da toponímia, revelam os lugares e os solares de onde as "novas" famílias dominarão o seu património: os já referidos Resendes, os Baiões, os de Ribadouro, etc. Embora os direitos nas igrejas e mosteiros venham a ser coartados pela igreja-instituição, o direito de padroado e outras regalias continuou a opor a Igreja à nobreza. Por exemplo,

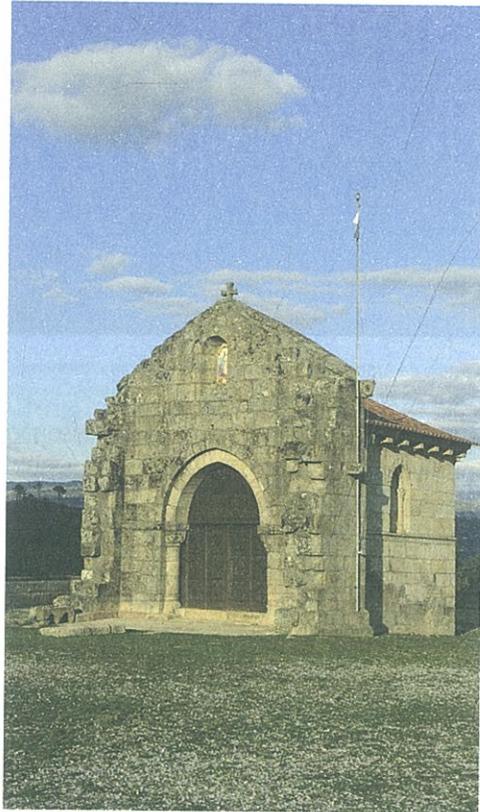
contra o Mosteiro de Ancede (Baião) foram várias vezes os senhores de Baião requerendo padroados e direitos, como o da portagem na feira de Ermelo.

Francisco Craesbeeck, memorialista do século XVIII, lançando mão da epigrafia tumular vai encontrar muitos descendentes das velhas linhagens medievais sepultando-se nas igrejas, manifestando nelas o seu estatuto e a sua posição através de capelas, pedras de armas e do já referido direito de padroado. Embora o padroado laico fosse, em setecentos, inexpressivo, verificava-se em

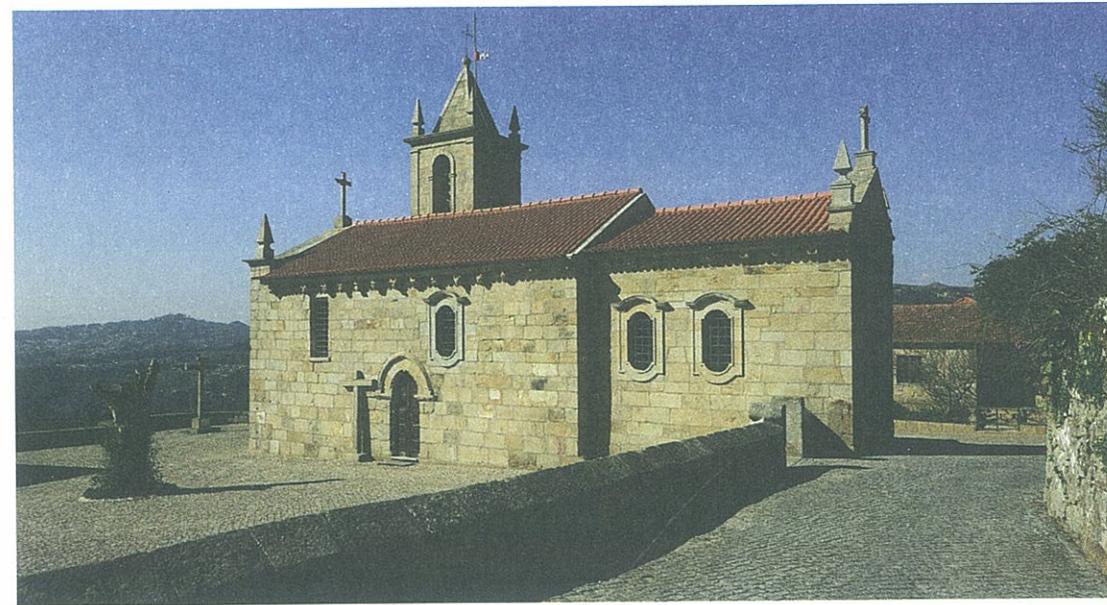
Valadares (Baião), onde entravam os senhores de Baião e em Tabuado (Marco de Canaveses), os Barros. No século XVI, a Igreja de São Martinho de Mouros (Resende) permanecia sob o domínio dos condes de Marialva, sendo mais tarde integrada no património da Universidade de Coimbra. Mais comum era o padroado institucional, como o das Comendas onde a nobreza não deixava de intervir. Assim, os poderosos Pintos da Fonseca superentendiam em Veade (Celorico de Basto) (aqui através da Ordem de Malta) e a Ordem de Cristo em Gondar (Amarante),



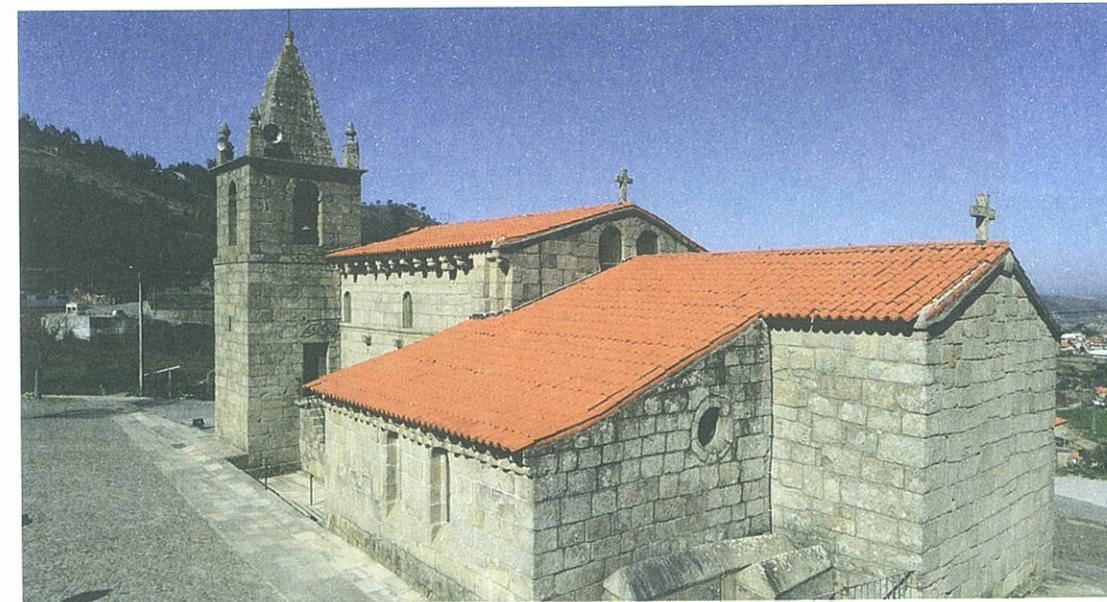
Igreja de Tabuado, Marco de Canaveses



Capela de Fandinhães, Marco de Canaveses



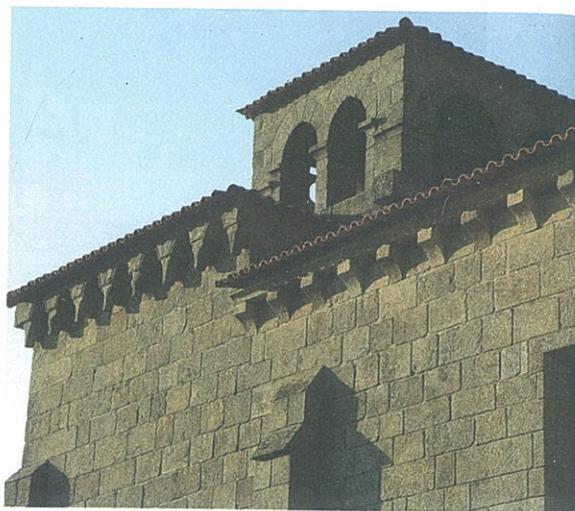
Igreja de São Cristóvão de Nogueira, Cinfães



Igreja de Tarouquela, Cinfães



Igreja de Veade, Celorico de Basto



Igreja de São Martinho de Mouros, Resende



Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, Felgueiras. Túmulo de D. João Afonso de Albuquerque



Igreja de Gondar, Amarante



Mosteiro de Ancede, Baião. Capela do Bom Despacho



Igreja de Valadares, Baião. Pintura mural

Ribas (Celorico de Basto), Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses) e Lufrei (Amarante). Embora o direito de padroado exigisse a contribuição para a fábrica e objetos litúrgicos afetos à capela maior, algo que a nobreza nem sempre cumpria, como na queixa que faz o abade de São Cristóvão de Nogueira

(Cinfães) na sua memória de 1758, poder indicar o pároco, comer alguns dos seus réditos e através de campanhas artísticas deixar a sua marca, conferia prestígio e poderes ao senhor de tal benefício. Daí que as grandes reformas modernas das velhas igrejas medievais tenham por vezes o cunho dos seus



Igreja de Ribas, Celorico de Basto. Portal ocidental

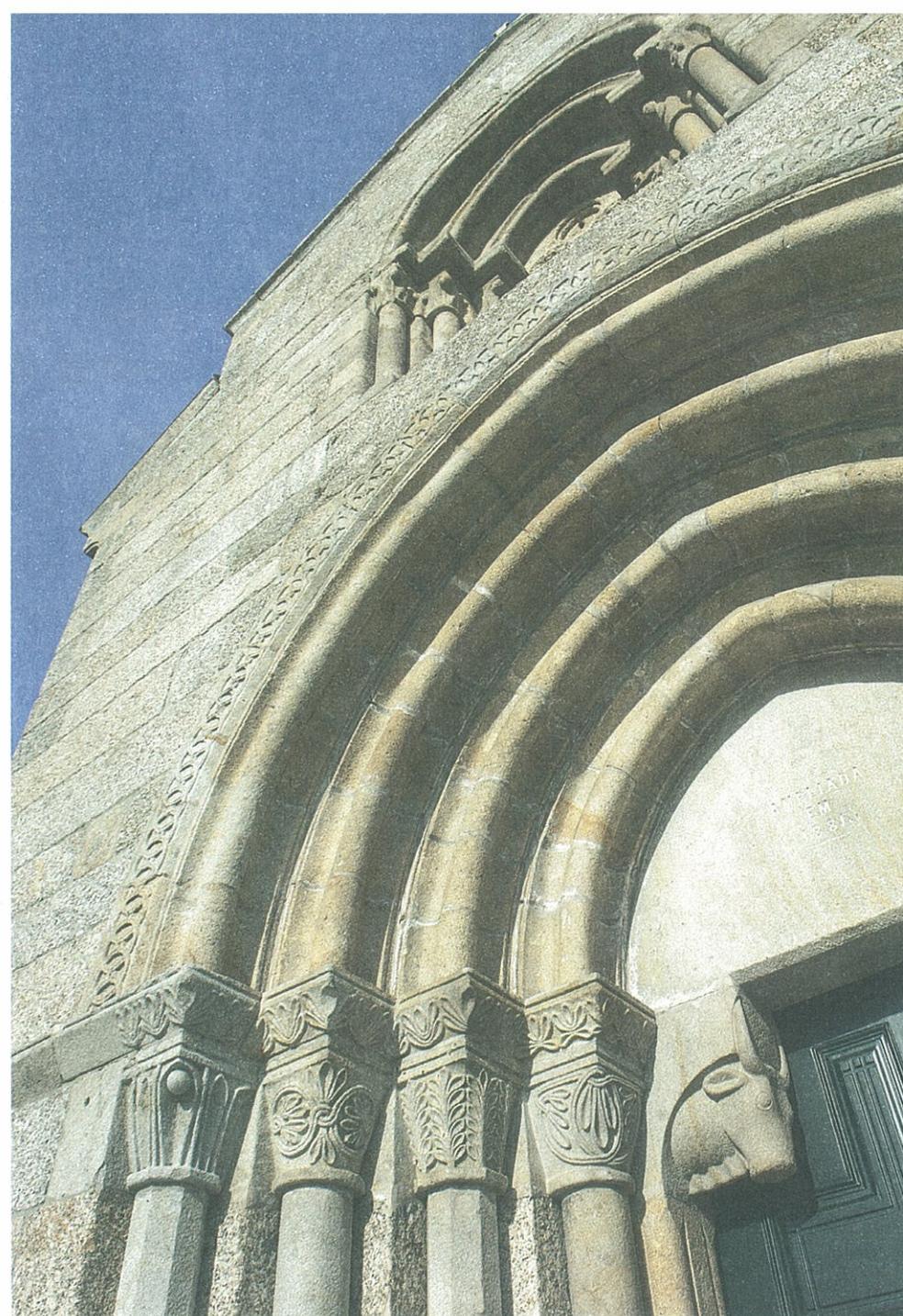


padroeiros que dirigiam ao espaço eclesial artistas e artífices da sua confiança e dos principais centros culturais que, pelo seu estatuto, conheciam e admiravam. Particularmente expressivo deste movimento é a campanha de frescos nas igrejas da região do Marão, associadas a figuras da família dos senhores de Baião, como no caso de Valadares, onde um abade quatrocentista, João Camelo de Sousa, mandou revestir a sua capela-mor com uma extraordinária profusão de temas hagiográficos. ■

Créditos fotográficos:

© Digisfera | Rota do Românico
© Furtacores | Rota do Românico

Igreja de Lufrei, Amarante. Pintura mural

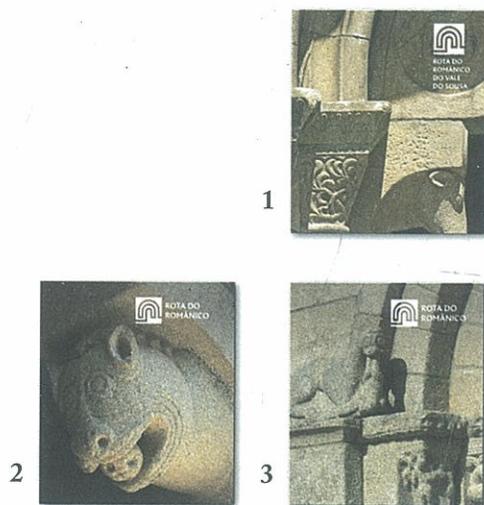


Igreja de Vila Boa de Quires, Marco de Canaveses. Portal ocidental

LIVROS EM DESTAQUE

Rota do Românico Monografias

Lúcia Rosas
Maria Leonor Botelho
Nuno Resende



1

Edição: 2008
Páginas: 388
Rota do Românico - Centro de
Estudos do Românico e do Território
ISBN: 978-989-95691-0-2

2

Edição: 2014
Vol. I - 452 páginas
Rota do Românico - Centro de
Estudos do Românico e do Território
978-989-20-5243-4

3

Edição: 2014
Vol. II - 480 páginas
Rota do Românico - Centro de
Estudos do Românico e do Território
978-989-20-5243-4

“Rota do Românico” é uma publicação científica, em dois volumes, que dá continuidade à monografia editada em 2008, sob o título “Românico do Vale do Sousa”, dedicada aos 21 monumentos iniciais do projeto, situados nos concelhos de Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Castelo de Paiva. Esta nova edição do Centro de Estudos do Românico e do Território assume um papel de relevo na divulgação da história e da arte dos 34 novos monumentos românicos, que integraram a Rota do Românico em 2010, mas assume também uma função complementar ao disponibilizar novos dados históricos dos concelhos que aderiram ao projeto: Amarante, Baião, Celorico de Basto,

Cinfães, Marco de Canaveses e Resende. Embora o enfoque seja colocado nos monumentos que resultaram do alargamento da Rota do Românico aos concelhos do Baixo Tâmega e do Douro Sul, foram aqui também incluídos os três elementos patrimoniais que, embora localizados em concelhos do Vale do Sousa, pela sua importância arquitetónica e histórica, foram também integrados em 2010. A coordenar esta edição esteve, uma vez mais, a Professora Doutora Lúcia Rosas, do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, da mesma instituição, foram os autores dos conteúdos escritos.

BIOGRAFIA DOS AUTORES



Lúcia Rosas

Professora Catedrática do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e investigadora do CITCEM/FLUP. Licenciatura em História na FLUP (Janeiro de 1980). Pós-graduação em História de Arte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa (1983). Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica na FLUP (1987) com o trabalho de síntese intitulado “A escultura românica nas Igrejas da margem esquerda do rio Minho” e o relatório de aula intitulado

“Arte românica – restauro e conservação”. Doutoramento em História de Arte, na FLUP (1996) com a tese intitulada Monumentos Pátrios. A arquitetura religiosa medieval – património e restauro (1835-1929). Provas de Agregação na FLUP (2005) com o relatório sobre a disciplina de Arquitetura Medieval II da Licenciatura em História da Arte e a Lição-Síntese integrada na disciplina de Arquitetura Medieval II (Disciplina da Licenciatura em História da Arte), subordinada ao tema “A Arquitetura Gótica da Raia Transmontana e Beirã”.



Maria Leonor Botelho

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e investigadora do CITCEM/FLUP e colaboradora do IEM – Instituto de Estudos Medievais. Licenciada em

História, variante de História da Arte (ramo científico) pela FLUP (2001), em 2004 concluiu o Mestrado em Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

enquanto Bolseira da FCT e sob a orientação da Professora Doutora Maria João Baptista Neto, onde apresentou a dissertação consagrada ao tema "As transformações sofridas pela Sé do Porto no século XX. A acção da DGEMN (1929-1982)" (publ. sob o título "A Sé do Porto no Século XX", Livros Horizonte, 2006). Em 2010 apresentou à FLUP a sua tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa, orientada pela Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas, subordinada ao estudo da "A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)", com Bolsa da FCT (publ. na cole-



Nuno Resende

Professor Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e investigador do CITCEM. Licenciado em História pela Universidade do Minho (2001), Mestre em Estudos Locais e Regionais (2005) e Doutor em História da Arte Portuguesa pela FLUP (2011), em cuja instituição apresentou e defendeu a dissertação de mestrado intitulada "Vínculos quebrantáveis: o morgadio de Boassas e as suas relações (séculos XVII-XVIII)" (editada pela Palimage em 2012) sobre redes sociais, conflitualidade e património linhagístico; e a tese de doutoramento (financiada pela FCT) sobre o tema da hagio e hierotopografia: "Fervor & devoção:

ção de Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas - FCG e FCT, 2013). Colaborou como investigadora e como autora no projeto "O Românico de Felgueiras na Rota do Vale do Sousa" (C. M. Felgueiras, 2009-2010), sendo autora das monografias relativas às igrejas de Santa Maria de Airães, São Vicente de Sousa, Salvador de Unhão e São Mamede de Vila Verde. Tem desenvolvido a sua investigação no âmbito da arquitectura românica, da sua historiografia e salvaguarda patrimonial ao longo dos séculos XX e XXI, assim como de outras questões relativas ao Património, na sua diacronia e atualidade.

património, culto e espiritualidade nas ermidas de Montemuro (séculos XVI a XVIII) – orientado pela Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas. Tem coordenado, editado, publicado e participado como autor e coautor em várias publicações nas áreas de História e História da Arte, destacando-se entre elas "O Compasso da Terra" (Diocese de Lamego, 2006). Desenvolve investigação nas áreas referidas, tendo como interesses específicos a arte religiosa (escultura e pintura), hagiografia, fotografia e retrato histórico, estudos de população, sociedade e família, biografia, micro-história e estudos hodográficos, entre outros temas, num período que baliza entre a Idade Média e a Contemporaneidade.